

# Os impasses da estratégia – os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil. 1936-1948

CARLOS ZACARIAS DE SENA JÚNIOR

*São Paulo: AnnaBlume; Salvador: UNEB, 2009, 398p.*

MARLY DE A. G. VIANNA\*

Se é indiscutível a importância do Partido Comunista do Brasil (PCB), não é tarefa fácil avaliar sua atuação e apontar seus erros sem desqualificar os que erraram e sem desmerecer seus muitos méritos. Embora abnegado e com a mais generosa das propostas – acabar com a exploração do homem pelo homem – o PCB cometeu erros aparentemente inexplicáveis. Sem satanizar personagens e sem conciliar com os erros cometidos, Carlos Zacarias abre espaço importante para a discussão e o aprofundamento destas e de outras questões.

Trata-se de um dos períodos mais importantes e desconhecidos da história do PCB. Estes 12 anos (de 1936 a 1948) foram os de maiores contradições políticas, dos grandes “impasses da estratégia”. Começam com a derrota das insurreições de novembro de 1935, seguida pela política de União Nacional, do apoio irrestrito ao governo em nome da luta antifascista e findam em nova onda anticomunista, com a Guerra Fria. O PCB oscilou entre a luta armada ao estilo tenentista, uma estratégia de conciliação com a chamada “burguesia nacional” e demais “forças honestas e antifascistas” e “homens de boa vontade”, e terminou nas posições sectárias, pouco depois de 1948, do Manifesto de Agosto de 1950.

---

\* Doutora em História pela USP, professora aposentada da UFSCar e atualmente professora do Mestrado em História do Brasil da Universo.

Outro grande mérito do trabalho é o manejo da documentação sobre o PCB no Estado da Bahia. Muitas vezes é por meio das posições do Comitê Regional da Bahia (CR/BA) (ou do Comitê Regional de São Paulo, CR/SP) que podemos entender a política nacional.

O livro está dividido em seis capítulos. O primeiro se inicia “Sob o signo da derrota” de 1935, das tentativas de sobrevivência física da direção do partido e da busca de reformulação da estratégia partidária, depois de uma fracassada experiência guerrilheira. Foi o período em que começou a ser elaborado, pela direção que vinha de 1935, o grupo de Bangu, uma nova estratégia política, que privilegiava a democracia burguesa e a política de alianças com uma “burguesia nacional progressista”. Lançou-se a palavra de ordem de União Nacional. É o período das discordâncias e da expulsão do grupo paulista com a vitória da “política bangusista”, graças ao apoio da Internacional Comunista e de Prestes.

No segundo capítulo, Zacarias analisa a tentativa de reconstrução partidária pelo CR/BA e acompanha a ascensão do nazifascismo e a política da Internacional Comunista de frentes populares, seguida pelo Pacto Germano-Soviético e, após a invasão da URSS pelos nazistas, em 1941, pela retomada das grandes frentes populares – e assinala a confusão política resultante. Nessa perspectiva, os comunistas brasileiros começam a se reorganizar, com destaque para os baianos. É muito boa a narrativa histórica da gestação da política de União Nacional, baseada nas diretivas internacionais de frentes antinazistas, fazendo mais inteligíveis as posições partidárias entre 1938 a 1948.

O terceiro capítulo trata das posições do CR/BA e da revista *Seiva*, da organização da CNOP – Comissão Nacional de Organização Provisória – e da preparação da Conferência da Mantiqueira, realizada em 1943. No bojo da luta pela entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados, reafirma-se o apoio a Vargas e à União Nacional. O grande entusiasmo pela primeira derrota infringida pela URSS à Alemanha nazista levou a que se acreditasse, finda a guerra, que a oposição democracia-nazismo continuaria sendo fundamental e o enfrentamento capitalismo-socialismo continuaria, porém pelo caminho pacífico. 1943 foi também o ano em que Stalin desmantelou a Internacional Comunista, como garantia de boa vontade aos aliados. O browderismo – que no final da guerra questionava a necessidade de partidos comunistas – teve adeptos no Brasil e o próprio Prestes disse ter se impressionado pela posição.

Carlos Zacarias chama a atenção para um fato pouco conhecido: não foi só o Grupo de Ação de São Paulo que se opôs à CNOP, mas, inicialmente, também o Comitê Regional da Bahia. São Paulo, por estar contra as posições de apoio irrestrito a Vargas e ambos por medo de infiltração policial no partido. Só mais tarde o grupo baiano aderiu à CNOP.

No quarto capítulo o autor mostra o entusiasmo com o final da guerra, o prestígio da URSS e dos comunistas, a anistia, os estertores do Estado Novo, a crença em uma democracia duradoura. O PCB estava reorganizado, sacramentado pela Conferência da Mantiqueira, que elegeu Prestes secretário-geral. Dizia-se

buscar “um grande partido para um grande líder”. A democracia vitoriosa na guerra deveria ser garantida internamente em torno da União Nacional e de uma constituinte. Os comunistas pediam “anistia sem ressentimentos” para os generais que depuseram Vargas, visando à pacificação da família brasileira. Prestes, ao sair da cadeia, disse estar disposto a esquecer tudo. Por sua vez, o anticomunismo se anunciava com a preparação da Guerra Fria.

Carlos Zacarias mostra como Prestes e os comunistas fizeram de tudo para serem aceitos na sociedade como defensores do que entendiam como democracia: pediam aos operários que agissem dentro da ordem, que não fizessem greves, para o fortalecimento econômico do país e para a paz social, necessária à União Nacional. Prestes passou a lamentar que se criticasse o Estado Novo. Era preciso consolidar tal democracia, e os comunistas estavam dispostos a fazer muitas concessões em nome da unidade entre as classes, queriam provar a todo custo que eram defensores da democracia *tout court*.

O capítulo cinco cobre o período da anistia, o período pós-guerra, da formação dos partidos políticos nacionais, da preparação para as eleições. Mostra, ao lado da política do PCB de concessões à burguesia nacional e aos “homens de boa vontade”, os primeiros sinais de que tal política estava afastando os comunistas dos operários. Mostra o grande crescimento do PCB, beneficiado pelo prestígio com que a URSS e os comunistas saíram da guerra. O êxito eleitoral dos comunistas nas eleições de dezembro de 1945 foi imenso. Em menos de um mês de campanha conseguiram quase 10% do total de votos. Com esse resultado e a crença de que as forças políticas do país estavam interessadas em uma União Nacional, os comunistas não perceberam a ofensiva que a direita organizava contra eles.

O sexto e último capítulo expõe a ofensiva anticomunista, o fechamento do partido e a cassação de seus parlamentares, enquanto o partido continuava a pregar a formação de “um governo de coalizão e confiança nacional”. A confiança na “democracia” era tão grande que, mesmo depois do fechamento da Juventude Comunista, em abril de 1947, Luis Carlos Prestes declarou que não havia força para fechar o PCB – o que ocorreria um mês depois.

Carlos Zacarias trata seu objeto com a seriedade de um cientista e de um historiador engajado. Não busca demônios, mas explicação histórica de situações que pareceriam, de outro modo, patéticas. Não busca explicações fáceis. Não compartilha da tese de que as “mirabolantes avaliações do Brasil feitas por Miranda, em Moscou, em 1934, foram as responsáveis pelos erros de 1935”; nem avalia a política da frente nacional como “desvios de direita que os comunistas não foram capazes de compreender” (tal como fez o V Congresso, em 1960, que assim caracterizou os dez anos precedentes). Carlos Zacarias, com muito êxito, deixou de lado explicações dogmáticas e maniqueístas.

As questões levantadas em *Os impasses da estratégia* – e no brilhante prefácio de Valério Arcary – abrem caminho para uma discussão, que ainda precisa ser aprofundada, sobre a história da esquerda comunista no Brasil, de seus erros, acertos e, principalmente, de sua trajetória de lutas.

VIANNA, Marly. Resenha de: SENA JR., Carlos Zacarias. Os impasses da estratégia – os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil. 1936-1948. São Paulo, Annablume, Salvador, UNEB, 2009, 398p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.31, 2010, p.171-173.

***Palavras-chave:*** Comunismo; Fascismo; Revolução burguesa; Brasil.